

# A EDUCAÇÃO DA MULHER NA PROPAGANDA REPUBLICANA POSITIVISTA

*Moacyr Flores\**

No fim da monarquia parlamentarista havia mais de 70% de analfabetos, predominando uma população rural no Brasil. As poucas escolas eram de professores particulares. O modelo liberal fracassara, pois não conseguira desenvolver o Brasil colocando-o dentro do ideal de progresso. O imperador doente, fugia da realidade brasileira estudando os astros, lendo jornais, ou então dormia durante as reuniões do Ministério.

Todavia, alguns moradores urbanos assumiam novos papéis na sociedade em mudança, copiando os modelos culturais da Europa industrializada. A maioria das escolas eram de rapazes, enquanto a educação e a instrução feminina era negligenciada, por serem as meninas consideradas menos inteligentes. Nas escolas de instrução primária, as meninas recebiam lições de costura e bordado, em lugar de matemática e geometria. As de classe média aprendiam com professores particulares a cantar trechos de óperas em italiano, francês e alemão, a tocar piano ou bandolim, a declamar versos e a responder adivinhas, tudo para animarem as festas que seriam dadas por seu futuro marido. A beleza e a virtude eram os únicos adornos da mulher casada.

---

\* Curso de Pós-Graduação em História. IFCH/PUCRS. Porto Alegre – RS.

Esse modelo conservador de educação feminina, comum na Europa, tinha origem nos escritos de Jean Jacques Rousseau e na organização de ensino após a Revolução Francesa. Portanto, é improcedente a afirmação que tal modelo teria se originado no mitificado machismo gaúcho.

Segundo Saint-Hilaire, Dreys e Arsène Isabelle a mulher gozava de relativa liberdade no Rio Grande do Sul, pois os homens partiam para as constantes guerras ou em viagens de meses para negociarem as tropas animais, deixando às mulheres a administração do lar, da estância e dos negócios. Esses viajantes observaram que a mulher rio-grandense não se escondia quando surgia algum estranho, como acontecia em Minas Gerais e São Paulo.

Não podemos esquecer que no período farroupilha as mulheres rio-grandenses, como Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice de Barandas e Josefa Barreto foram pioneiras em publicações no Brasil, e que mais tarde Luciana de Abreu se projetou como a primeira mulher a proferir conferências em público.

Durante a formação do Rio Grande do Sul, no século XVIII, predominou o anticlericalismo do Marquês de Pombal, proibindo a construção de conventos, mosteiros e seminários. Poucas igrejas foram construídas até metade do século XIX. O catolicismo no Rio Grande do Sul recebeu um novo impulso com a religiosidade dos imigrantes alemães e italianos que, quase no fim do séc. XIX, construíram seminários e igrejas. Em relação à mulher, a Igreja é conservadora, educando-a como anjo tutelar do lar. A mulher, de acordo com o perfil traçado pelos conservadores católicos, devia desempenhar unicamente os papéis de mãe e de esposa. A educação feminina cuidava principalmente em desenvolver nas meninas estas aptidões.

Enquanto desmoronava o Império do Brasil pela apatia do imperador doente e corrupção dos ministros, os republicanos positivistas apregoavam uma nova sociedade industrial, que teria o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim. A resistência à mudança só poderia ser quebrada por um golpe militar, porque a pequena parcela alfabetizada da população não acreditava mais em políticos, pela demoralização do Congresso e pelo fato de o Imperador não ser amado, conforme observou Carlos von Koseritz. Politicamente o Brasil era um circo de cavalinhos de lonas rotas, onde ninguém mais achava graça e nem aplaudia as palhaçadas, acrobacias e truques dos políticos.<sup>1</sup> Em 23.2.1882, os republicanos rio-grandenses, sob a liderança de Júlio Prates de Castilhos, realizaram a Convenção Regional

1 KOSERITZ, Carlos von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins/USP, 1972, p. 33-4.

Republicana em Porto Alegre, estabelecendo os princípios norteadores da propaganda que deveria ser pacífica, pois a doutrina positivista se opunha à revolução, considerada como uma desordem que só poderia atrasar a evolução social que conduziria ao progresso da utopia industrial.

A propaganda republicana, realizada através das páginas do jornal *A Federação*, combatia o sistema monárquico ao mesmo tempo que divulgava os preceitos da filosofia positivista, que serviria de base à república castilhistas.

Considerando que a maioria da população era analfabeta, é importante ressaltar que o teatro transformou-se no principal meio de comunicação da época, utilizado pelos intelectuais para exporem suas idéias abolicionistas, republicanas e moralistas.

**Artur Rodrigues da Rocha** (1859-1888) escreveu seus dramas teatrais com o objetivo de divulgar a doutrina de Augusto Comte, em pleno império.<sup>2</sup>

Em 1884 publicou *Os Filhos da Viúva*, comédia em quatro atos, *Deus e a Natureza*, drama em quatro atos e *A Filha da Escrava*, drama em três atos.<sup>3</sup>

A temática do drama *Os Filhos da Viúva* é inspirada nos preceitos do catecismo positivista, onde o sacerdote dá conselhos à mulher, a partir do princípio que a viúva não deve casar para cultuar a memória do finado marido. Se ela não manter a castidade, o caos, a desgraça e a desonra atingem a família. Esta idéia não é uma novidade, mas é a manutenção de um preceito bastante antigo, entre os conservadores europeus.

Elvira é uma jovem viúva de 36 anos, mãe de Eduarda, 16 anos e de Alberto, 20 anos, que conhece em sua própria casa o jovem Frederico, amigo do filho.

A peça usa a concepção de que o espaço feminino está restrito ao lar. Esta idéia, que a mulher pertence ao âmbito privado, ainda hoje norteia muitas pessoas. A jovem era preparada para o casamento, confeccionando desde cedo seu enxoval. Eduarda está apaixonada por Frederico, mas ainda não bordou o monograma no enxoval, porque ele não se declarou. A jovem Eduarda é apresentada como pura e honesta, no momento em que desabrocha para o amor. É o momento, segundo Comte, do domínio da paixão sobre a

2 Artur Rodrigues da Rocha nasceu em Rio Grande, a 01.01.1859 e faleceu a 26.04.1888. Encarregado dos Correios e Telégrafos naquela cidade, era o redator político do jornal *O Artista* e depois do *Correio da Tarde*. Contista e crítico social, escreveu várias peças teatrais. (MARTINS, Ari, p. 489-90).

3 ROCHA, Artur. *Teatro; Os filhos da viúva*. Porto Alegre: edição do autor, 1884.

inteligência, pois a mulher sendo frágil, põe em perigo a honra do pai ou dos irmãos.

A fala de Alberto marca esta concepção positivista:

**Alberto** – Époça em que as mulheres mais se agita e mais trabalha, na qual toda a sua energia, toda a sua atividade se concentra num objeto único, constante, inolvidável, ocupa-lhe o pensamento e as ações durante o dia e preside-lhe aos sonhos durante a noite.

Alberto tenta conduzir a atenção da irmã enamorada para o amigo Frederico. No entanto o amigo diz-se arredio ao casamento e contrário ao divórcio.

**Frederico** – É mister que te convenças de que o casamento, socialmente considerado, e tal como entre nós é praticado, é um erro, é um absurdo, é um monstro. É uma cadeia indissolúvel que não só liga, na frase do catolicismo, dois corpos numa só alma, usurpando a cada um dos seres uma parte intangível de sua liberdade, como unifica duas honras e duas consciências, tornando-as dependentes uma da outra e responsáveis uma pela outra.

O tema central da discussão entre Alberto e Frederico é que a honra do casal depende do lado mais fraco, ou seja da mulher. O autor Artur Rocha utiliza os ensinamentos do catecismo de Augusto Comte, na parte referente à mulher, apresentando-a como ser irracional e dirigida pelas emoções. Quando estas não estão conduzidas pelas regras da moral positivista, influenciam perniciosamente a vida real e comum.<sup>4</sup>

O jovem Alberto é jornalista político e ardoroso defensor das idéias positivistas, entre elas o republicanismo e o culto dos antepassados. O retrato do finado pai faz parte do cenário da sala. Não admite que sua mãe, ainda jovem e bela, ame outro homem.

**Alberto** – Tenho uma mãe moça, bonita, como se pode ser na sua idade. Sei que ela deve sentir dentro de si um vácuo deixado pela morte de meu pai e a necessidade de alguma afeição nova e consoladora. Mas quando me lembro que ela pode pensar em casar, em esquecer aquele que tanto a amou, sinto não sei que dores íntimas que me desesperam. Penso que a viuvez não quebra

4 COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. São Paulo: Abril, 1973, p. 237-50.

os laços do matrimônio, que sendo eterno, não pode findar com a vida de um dos cônjuges.

Segundo o Catecismo Positivista os mortos são emancipados das necessidades materiais e vitais, deixando apenas lembranças aos que ficam neste mundo. Mas os mortos não deixam de amar e mesmo de pensar nos parentes. A união das idéias e sentimentos entre os vivos e mortos tornam-se ao mesmo tempo mais íntima e mais contínua.<sup>5</sup>

Portanto a viúva não pode romper esse vínculo com o defunto marido porque se reflete no mundo futuro. Se a mulher deixa de ser casta, sua família torna-se desonrada, pois a principal tarefa da mulher é a formação de cidadãos honrados.

Na intriga do drama, a viúva ama Frederico, o amigo de seu filho Alberto. A trama se complica quando o barbeiro conversa com o criado João, relatando as murmurações que o jovem Frederico atinge a honra do amigo que o acolhe em casa, pois está de amores com a menina Eduarda.

João é o empregado fiel que defende os patrões, condenando as intrigas do barbeiro.

O jovem Alberto é barbeado em seu gabinete, enquanto lê os jornais. Nesta manhã depara com a crônica que atinge sua honra, caluniando sua mãe Elvira. Alberto chama Frederico, pensando que ele anda de amores com sua irmã. A viúva Elvira combina um encontro com Frederico à noite, quando revela que está grávida. Desesperada, a viúva propõe casamento ou a fuga, mas o amante foge de qualquer responsabilidade. A fala de Elvira sintetiza a fragilidade da mulher:

**Elvira** – Infame! Já esperava essa resolução. Cavaste cínica e covardemente a minha desonra; iludiste-me com as juras de um falso afeto, com as expansões de teus fingidos carinhos; e agora que me vês desgraçada, perdida, desonrada, agora que sinto dentro de mim mesmo mover-se um produto do teu abominável crime, disseste-me a sangue frio: preciso deixar-te! Vil! Infame! Canalha!

Em sua fragilidade feminina, Elvira desmaia. Com os gritos de Frederico, entram Eduarda e Alberto. A jovem Eduarda assume a culpa, dizendo que Frederico é seu amante. Para desespero de Alberto, preocupado com a honra de seu lar e com a memória de seu pai, a irmã e Frederico recusam-se a casar sem maiores explicações.

5 COMTE. *Op. cit.*, p. 149.

Elvira tem outro desmaio. O médico da família ao examiná-la revela que a viúva está prestes a abortar. Finalmente Frederico confessa que é o amante de Elvira e que não pode legitimar a criança porque já é casado. Só resta a Alberto pedir perdão à irmã Eduarda e ao finado pai.

**Alberto** – (Olhando para o retrato do pai). Perdão, meu pai: bem vês, é para salvar a honra da tua memória.

Frederico era contra o casamento porque fora traído pela esposa, condenando a assim o matrimônio que acorrentava o homem a uma mulher, fraca por sua natureza emocional e incapaz de defender a honra da família. O divórcio da época não era a solução porque separava os indivíduos fisicamente, mas não desfazia os compromissos solenes do matrimônio.

O drama *Os Filhos da Viúva* explora a temática da fragilidade da mulher guiada unicamente pelas emoções, é necessário educá-la nos princípios da moral positivista para preservar o lar da desonra. No momento em que a viúva Elvira deixou de honrar a memória do marido, rompendo o vínculo com o passado, a desordem se instalou na família. Elvira deixou de observar a máxima positivista: "cada vez mais os vivos são governados pelos mortos".

O drama foi recebido com certa frieza e mesmo desgosto pelo público porto alegreense, pois achavam que faltava alguma coisa que explicasse a última fala da peça:

**Frederico** – Porque sou casado! (Fim do drama)

A opinião pública dividiu-se entre o perdão e a condenação da viúva Elvira, reclamando que faltava um final no drama. Justamente dentro do pensamento positivista, nem mesmo o amor filial poderia perdoar Elvira porque, mesmo que ela se regenerasse não estaria lavada a honra. O perdão seria desedificante e a peça perderia sua lição de moral comteana.<sup>6</sup>

Artur Rocha usa o teatro mais uma vez para expor suas teses positivistas, desta vez atacando o fanatismo religioso no drama *Deus e a Natureza*, no qual o jovem Oscar tornou-se padre, contrariando sua natureza, em decorrência da promessa de sua mãe. Como os jovens devem respeitar e amar os pais, Oscar sujeita-se ao sacrifício, perdendo sua liberdade por falta de esclarecimento de seus pais.

6 ROCHA, Alípio. *A Adúltera*. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 21 jan. 1887.

Conforme Comte, a religião católica faz parte do estágio social teológico, dominado pela superstição. A liberdade está no estágio seguinte, o industrial ou positivista.

Os pais, Leandro e Suzana são fazendeiros de influência política na região. O principal orgulho é ter o filho padre. Na fazenda hospedam-se Pedro, para tratar de seu reumatismo e seu filho Artur, que sofre de tuberculose, a doença mais temida na época. Artur fora aconselhado pelos médicos a procurar o ar do campo para se curar.

O jovem padre Oscar, durante a noite, foi confessar seu velho professor que morre na miséria, deixando a filha Amélia na orfandade. O padre Oscar traz a órfã Amélia para casa e suplica aos pais que recolham a pobre moça, que necessita viver da caridade.

O autor não admite que a prendada órfã possa trabalhar para ganhar seu sustento, pois o espaço feminino é restrito ao lar. Cabe ao homem sustentar a mulher, como pai ou como marido, pois "o principal ofício das mulheres é formar e aperfeiçoar os homens". E isto só se torna possível se ela permanece no espaço do lar, a rua é de domínio dos homens, que só agem pelo racional.

A fazendeira Suzana, que passa os dias a orar por causa de seu fanatismo religioso, é incapaz de fazer a caridade para a órfã Amélia. O filho padre consegue convencer os pais para receberem Amélia. O professor morreu na miséria porque perdeu o emprego ao condenar a ida de Oscar para o seminário. O velho fazendeiro vingou-se tirando-lhe o emprego.

O personagem que faz a propaganda da doutrina positivista chama-se Pedro, ex-seminarista que elabora longos discursos contra a falsa religiosidade e a cretinice de padres que se aproveitam da batina para desonrarem os lares, seduzindo ingênuas mocinhas ou praticando adultério com mulheres casadas. No quadro sociolátrico de Augusto Comte, o monoteísmo, no caso específico o catolicismo, é considerado como uma transição entre o fetichismo e o positivismo, no qual se desenvolveria o progresso da humanidade.

A natureza impele o padre Oscar para Amélia, que também o ama desde que eram crianças, mas o respeito pelos pais e o juramento feito à religião impedem a realização de seus sentimentos. O pai descobre o segredo dos jovens e expulsa a órfã. O jovem tuberculoso Artur se oferece para ampará-la, dentro do ensinamento de Augusto Comte de viver para outrem e também porque a ama. Ela agradece o nobre sentimento, até que o reumático Pedro, ex-seminarista, resolve abandonar a casa dos amigos e levar Amélia como sua pupila. Resta a Oscar abandonar a casa paterna para

viver distante, em solidão, contrariando a sociabilidade que é da natureza do homem, conforme a fala de seu pai:

**Leandro** – Tu o disseste uma vez e eu to repito agora: serás padre, só padre, eternamente padre.

Artur Rocha considera o erro de Oscar em se tornar padre, afastando-se do ente imenso e eterno: a humanidade. Assim sendo a humanidade se transforma num dogma que fornece a única unidade no meio da diversidade. Esta unidade depende das leis físicas, intelectuais e morais. As leis físicas pertencem espontaneamente ao sexo ativo, isto é aos homens. As leis físicas são independentes das leis morais, o que permitiu aos homens elaborarem convicções estáveis. As leis morais pertencem ao sexo afetivo, isto é, às mulheres. As leis morais dependem das leis físicas, portanto as mulheres não podem construir nenhuma doutrina inabalável, seus esforços comportam apenas uma preciosa reação afetiva.<sup>7</sup>

Ao ser padre, Oscar rompeu com o dogma da Humanidade, pois não podia contar com o apoio afetivo da mulher. O personagem Pedro, ex-seminarista, simboliza o sacerdote positivista que ensina a doutrina e desempenha as leis intelectuais.

\* \* \*

A Sociedade Dramática Particular União Militar encenou o drama *A Adúltera* em 15 de janeiro de 1887, em Porto Alegre, causando celeuma no público e na crítica teatral porque a mulher que pretende se regenerar, não foi perdoada pelo próprio filho.

O drama *A Adúltera*, de João Maia, está impregnado de conceitos positivistas e se insere na propaganda política, condenando a forma de governo monárquico, exaltando a forma republicana.<sup>8</sup>

Desde o prólogo da peça que Clélia Castelar, então com 15 anos, é apresentada com suas fantasias românticas e seguindo os impulsos de seu temperamento, que se tornam dominadores porque vive num meio corrupto. Talvez por impulso temperamental casou com o general Jorge Castelar, que tem 55 anos.

7 COMTE. *Op. cit.*, p. 189-90.

8 João Cândido Maia nasceu em Triunfo em 28.03.1862 e faleceu em Porto Alegre em 06.05.1944. Cursou a Escola de Guerra e diplomou-se em Filosofia no Rio de Janeiro. Fundou e dirigiu diversos jornais. Redator do jornal *A Federação*, é um dos fundadores do Inst. Histórico e Geográfico do RS e da Academia Rio-Grandense de Letras. Como teatrólogo, crítico, regionalista e historiador escreveu várias obras. (MARTINS, Ari, p. 338).



Clélia defende a emancipação da mulher numa discussão com seu enteado Luciano, que tem 20 anos e com seu amigo Henrique de Mendonça, com 25 anos. A discussão serve para marcar Clélia como uma mulher que não se dedica ao lar.

**Clélia** – Quisera entretanto que destacasse da magna questão da soberania popular, para discutir isoladamente, uma parte dessa grandiosa causa, que por si só constitui uma das mais importantes questões da atualidade: falo da emancipação da mulher – esse importante problema social de que se têm ocupado vultos contemporâneos da estatura de Stuart Mill, Victor Hugo, Alexandre Dumas e outros.

Os demais personagens do drama consideram Luciano como um jovem de idéias avançadas, pois é republicano positivista e escreve artigos em jornal. Sua resposta está de acordo com o Catecismo Positivista que restringe a ação da mulher ao espaço do lar:

**Luciano** – Quanto ao problema de que me fala, penso que a civilização pouco tem a fazer; a emancipação da mulher deve restringir-se ao lar doméstico; é aí que eu a quero ver soberana na educação moral de seus filhos.

Na cena seguinte aparece o velho general, marido de Clélia, reclamando que o filhinho chora pela mãe. Ela responde que os mimos deitam a perder as crianças.

Através da interceptação de uma carta, Luciano descobre que a jovem madrastra Clélia tem um amante. Finge que vai ao clube e retorna para surpreender Clélia com Leonel, no momento em que os dois combinam a fuga. Luciano vitupera contra Clélia por ter desonrado o marido, que tinha um nome aureolado de glória.

O general entra na sala durante a discussão e tenta matar os amantes com o sabre que estava sobre a mesa, mas Luciano impede que o pai se transforme num assassino, aumentando sua desgraça. Quando os amantes se retiram, o velho general morre de um ataque fulminante do coração. Luciano promete vingança.

O primeiro ato inicia na casa da Dama de Ouro, apelido de Clélia, 22 anos depois das ações do prólogo.

Ela está apaixonada pelo médico Mário, jovem de 23 anos que chegou de Paris. A Dama de Ouro manda Querubim, um ex-amante sem fortuna,

entregar um bilhete a Mário, convidando-o para um encontro. Querubim, que perdeu seu cabedal com a Dama de Ouro, sujeita-se a ser alcoviteiro.

Na festa da Dama de Ouro, num 15 de novembro casualmente, comparecem vários comparsas, entre eles o Visconde Álvaro, nobre decadente, mau caráter que deve em todas as casas de comércio de Porto Alegre. Sente-se preterido quando Clélia dá atenção ao seu convidado Mário.

Na hora do brinde, a Dama de Ouro é saudada como mulher racional, o oposto da mulher idealizada pelos positivistas que é dirigida pelos sentimentos, por ser o sexo afetivo:

**Eduardo** – Um brinde à Dama de Ouro, convivas. À mulher que desprezando altivamente o convencionalismo da sociedade, interpreta a existência sob o único ponto de vista racional.

Clélia é uma linda pecadora que esqueceu seus deveres de mãe e esposa. Durante o brinde há uma expressão regionalista, que chama a atenção por ter sido registrada em 1887. O personagem Querubim não quer brindar a Eduardo e se refere ao pássaro metido a gavião, mas que não passa de um comedor de vermes de excrementos dos bovinos:

**Querubim** – Se pensa que é ao Sr. que vou brindar, ilude-se; não gasto pólvora com *chimangos*.

O personagem José de Aguiar enriqueceu com o trabalho, conseguindo tornar-se dono de um estabelecimento comercial. O Visconde Álvaro e seus amigos desprezam o comerciante, dando-lhe como tema para discussão o positivismo. Mas o comerciante, que é positivista, conhece o assunto e trata os comparsas do Visconde com fina ironia.

**Aguiar** – O positivismo sendo pois a expressão da verdade, não pode agrupar em torno da sua bandeira muitos prosélitos, neste século em que o banditismo e a hipocrisia atuam poderosamente, com especialidade na mais elevada camada social – a aristocracia.

O discurso de Aguiar atinge a monarquia como forma de governo igual a parasita social que explora o homem honrado, ao mesmo tempo que usa o luxo em ridícula ostentação.

No baile da Dama de Ouro, o Visconde Álvaro sente-se humilhado e desprezado pela anfitriã, que confessa seu amor pelo jovem Mário. O Visconde ameaça bater na Dama de Ouro, no momento que entram na sala o médico Mário e convidados. Defendendo a mulher, que é frágil, Mário

exige respeito, anunciando seu noivado com a Dama de Ouro, que está regenerada.

Luciano, filho do general Jorge Castelar e portanto irmão de Mário por parte de pai, horroriza-se com o projeto de casamento, proibindo-o. Mário, irritado, briga com o irmão. Luciano não conta a Mário que a Dama de Ouro é sua mãe, tida como morta. Mas no final, para evitar a consumação do incesto, no momento em que padre pergunta se há algum impedimento, Luciano revela a trágica verdade. Mário abandona a mãe.

O quarto ato passa-se depois de 13 meses. Clélia, na mais completa miséria e com tuberculose, agoniza no leito. Mandou chamar Mário pelo padre, que se recusa a vir como filho, mas comparece como médico, junto com Luciano.

O padre perdoou Clélia porque ela se arrependeu. Mas o filho Mário não a perdoa, mesmo na hora da morte, lançando-lhe uma maldição:

**Mário** – (Com desespero) Morta?... Morta minha mãe? (Vai ajoelhar-se junto ao leito, porém recua) Oh! Maldição sobre a mulher que não soube ser esposa e mãe.

Luciano sentencia com os princípios conservadores, marcando a mulher que não soube desempenhar suas funções de mãe e de esposa:

**Luciano** – A adúltera é tão desgraçada que ainda depois de morta é amaldiçoada pelos próprios filhos! (Cai o pano)

Atos Damasceno Vieira condenou o final da peça de João Maia, considerando o médico Mário como um monstro quanto a sentimentos e um cínico "que presume servir de modelo em atos de pundonor e de honra, quando não sabe respeitar sua mãe, na hora extrema".<sup>9</sup>

No imaginário popular predominava a figura de Maria, a Mãe do Salvador, casta e pura, modelo para todas as mães. Ela rogava por nós na hora de nossa morte, assim como as mães terrenas cuidavam e defendiam seus filhos. A figura da mãe sempre foi venerada pelos cristãos e João Maia entrou em choque com a platéia com seu radicalismo, próprio daqueles que querem moralizar a sociedade.

João Maia, imbuído da filosofia positivista, não poderia dar outro desfecho porque no início do Catecismo, Comte subordina os instintos e egoísmo ao preceito da moral que mantém o equilíbrio social. Assim a moral será sempre o objeto da arte humana, contribuindo para o progresso.

<sup>9</sup> VIEIRA, Athos Damasceno. *A Adúltera*. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 18 jan 1887.

Conforme a crítica liberal, as senhoras da platéia reagiram contra a dureza de Mário e de Luciano que não perdoaram uma mulher arrependida.

Na época, os críticos não notaram que esta atitude inflexível colocada no palco, era um prenúncio do radicalismo que nortearia as atitudes políticas do Partido Republicano. Júlio de Castilhos não perdoou os republicanos dissidentes, considerando-os amaldiçoados para sempre, nem permitiu que a oposição política participasse do governo. Seu fanatismo ideológico, já renunciado nos dramas de Artur Rocha e de João Maia, tendo como modelo a doutrina positivista, só admitia um governo forte com a eliminação, no sentido de anulação, do partido opositor. Essa incrível atitude política foi responsável pelas violências na Revolução Federalista, em ambos os lados, por ser uma guerra entre irmãos.

A educação feminina com o objetivo de formar mãe e esposa, impedindo que a mulher estudasse ou trabalhasse fora, com a desculpa de que ela não é racional, mas movida unicamente pelos sentimentos, pondo em perigo a honra da família, criou uma mulher ignorante e sem os direitos de cidadania. O obscurantismo em relação à educação da mulher, colocado no palco por Artur Rocha e João Maia, passou a fazer parte da realidade social rio-grandense, no período governado pelos castilhistas.

## BIBLIOGRAFIA

- COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. Col. Os pensadores n. 33, São Paulo: Abril, 1973.
- . *Discurso sobre o espírito positivo*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- . *Opúsculos de filosofia social*. Porto Alegre: Globo, 1972.
- FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.
- . *Historiografia – estudos*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1989.
- KOSERITZ, Carlos von. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Martins/USP, 1972.
- LINS, Ivan. *Perspectivas de Augusto Comte*. Rio de Janeiro: São José, 1965.
- MAIA, João. *A Adúltera*. Porto Alegre, *Jornal do Comércio*, 1887.
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: DAC/SEC/IEL/UFRGS, 1978.
- ROCHA, Artur. *Teatro: Os filhos da viúva; Deus e a Natureza; A filha da escrava*. Porto Alegre: edição do autor, 1887.
- RODRIGUES, Ricardo Vélez. *A ditadura republicana segundo o Apostolado Positivista*. Brasília: UnB, 1982.
- VILLAS-BOAS, Pedro Leite. *Dicionário Bibliográfico Gaúcho*. Porto Alegre: EST/EDIGAL, 1991.